

---

**Artistas, Público Jovem e Questões Éticas:  
Uma Pesquisa Exploratória.**

**Artists, Young Audiences and Ethical Issues:  
An Exploratory Research.**

**Carolina Hidaka Chaim<sup>1</sup>**

**Maria Cristina Dias Alves<sup>2</sup>**

Centro Universitário Belas Artes de São Paulo

**RESUMO**

Este texto aborda as relações entre a ética de artistas e a experiência estética de jovens brasileiros. Para tanto, além do diálogo com autores, como Silva, Chauí, Bourdieu e Nietzsche, foi realizada uma pesquisa exploratória para verificar se os jovens abrem mão de obras cujos artistas têm atitudes pessoais contrárias aos preceitos éticos/morais da sociedade, com resultados que reafirmam a importância de ampliar as discussões sobre o tema.

**Palavras-chave:** ética; cultura; estética; artistas; jovens.

**ABSTRACT**

This text explores the relations between the artists' ethics and the aesthetics experience of the Brazilian youth. Thus, besides drawing parallels with authors like Silva, Chauí, Bourdieu and Nietzsche, an exploratory research was carried out in order to verify if they avoid work by artists holding different ethical or moral societal beliefs. The results reaffirm the need for expanding the discussions on the subject.

**KEYWORDS:** ethics; culture; aesthetics; artists; young people.

**1. Introdução**

Neste trabalho é discutida a relação entre a ética do<sup>3</sup> artista e a sua produção artística frente ao público jovem com o objetivo de verificar se, ao entrar em contato com a obra de arte (cinema, fotografia, literatura, teatro, música etc.) ou mesmo a manifestação artística no caso de atores e bailarinos, o conhecimento prévio da vida pessoal de artistas interfere na fruição da obra. A discussão não aborda o conceito de *ethos*, ainda que este seja relevante devido à

---

<sup>1</sup> Graduanda do 7º semestre de Publicidade e Propaganda no Centro Universitário Belas Artes de São Paulo (FEBASP). E-mail: carolinahchaim@gmail.com

<sup>2</sup> Doutora em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Docente dos cursos de Publicidade e Propaganda do Centro Universitário Belas Artes de São Paulo (FEBASP) e da Escola de Comunicações e Artes da USP (ECA/USP). Orientadora do trabalho. E-mail: cristina.dias@belasartes.br

<sup>3</sup> Adotou-se o gênero masculino para uniformizar a escrita, não por um juízo de valor.

configuração do “caráter do orador”, como se refere Aristóteles (2000), mas, sim, à ética, uma vez que interessa debruçar sobre os valores éticos e morais do artista e não àqueles expressos por meio de suas obras.

A motivação de investigar esse objeto decorre da observação de práticas socioculturais de alguns artistas, consideradas inadequadas (machistas, por exemplo), que têm ganhado visibilidade na mídia oficial e na rede *on-line*. A questão que a pesquisa propõe é se ao saber de comportamentos considerados fora dos padrões éticos/morais da sociedade em que vive (práticas socioculturais), o interesse pela experiência com as obras de arte ou a admiração pelos respectivos artistas permanecem. Ou se os indivíduos discriminam determinadas obras ao conhecer a vida pessoal de artistas, por considerá-la fora de padrões de condutas aceitáveis.

A pesquisa se justifica, primeiramente, por tratar de uma temática inexplorada até pouco tempo, que vem ganhando destaque desde o aumento da vigilância sobre o cumprimento de leis que regulam questões discriminatórias e/ou de violência, como a lei Maria da Penha<sup>4</sup>, a lei contra discriminação e preconceito<sup>5</sup> e a lei contra a homofobia, esta última ainda em aberto<sup>6</sup>. E por trazer à tona a discussão da “auratização” do artista, como mecanismo de blindagem a críticas, devido à inefabilidade da obra de arte, a partir de Bourdieu (1996).

O conceito de ética tem sido revisto desde a modernidade e, mais atualmente, com a crise do humano. Contudo, concorda-se com as discussões de Silva sobre a experiência e os valores morais dos sujeitos:

É a dimensão suprassensível do sujeito, que só existe no universo prático, cenário de liberdade e criação. O que caracteriza, pois, essa concepção ética é a incondicionalidade do ato moral. Mas será possível mantê-la? Não será mais realista considerar que o peso dos fatores psicológicos, sociológicos, históricos, etnológicos, religiosos em nenhuma hipótese poderá ser abstraído da escolha moral? Pelo contrário, só existiria escolha na medida em que todos esses fatores, como motivações internas e externas, se colocam diante do indivíduo, fazendo parte da sua vida e dos seus atos, favorecendo, dificultando, esclarecendo ou obscurecendo as situações de opção ética. Muitos viram na superestimação formal da liberdade um esvaziamento da concretude que caracteriza a escolha moral. A liberdade não será sempre inseparável da situação concreta em que é exercida? [...] Há muita diversidade nos valores em que as pessoas creem e nos quais baseiam a conduta. A Ética consiste no discernimento para encontrar, entre todos esses fatores, o critério de justa escolha (SILVA, 2009, s/p).

<sup>4</sup> Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm)>. Acesso jun. 2018.

<sup>5</sup> “A proposta modifica, ainda, o Código Penal, somando à denominada ‘injúria racial’ as motivações decorrentes de “gênero, sexo, orientação sexual e identidade de gênero, ou a condição de pessoa idosa ou portadora de deficiência”. Disponível em <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2011/05/10/projeto-amplia-abrangencia-de-lei-contradiscriminacao-e-preconceito-1814007920>>. Acesso jun. 2018.

<sup>6</sup> Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2017/06/28/ideia-legislativa-propoe-criminalizacao-da-homofobia-e-recebe-mais-de-50-mil-apoios>>. Acesso jun. 2018.

Se há um critério de justa escolha, que é subjetivo e íntimo, como escreve Silva, o julgamento leva em conta tanto as ações como os valores que fazem parte dela, que são “vivenciadas e julgadas na experiência”. Da mesma maneira, a pesquisa investiga a importância da percepção do espectador, ainda que não vivencie as escolhas da vida do artista concretamente na fruição da obra (especialmente os jovens que se autodenominam mais engajados em movimentos sociais<sup>7</sup> e de conscientização política). Ou seja, é investigada a relevância dada aos critérios de escolha da vida pessoal do artista no momento de fruir uma obra de arte.

Não se trata de opinião pessoal, mas de trazer à discussão as implicações decorrentes do ressurgimento de movimentos sociais, como contra a xenofobia, o preconceito racial, o feminismo e questões LGBT. No caso de acusação de assédio sexual, temos o exemplo de *Casey Affleck*, premiado com o Oscar de melhor ator, em 2016<sup>8</sup>, mesmo tendo um processo em andamento. Se o poder de voto estivesse na mão da audiência, talvez essa premiação pudesse ficar comprometida.

Também no Brasil, mais recentemente, casos de assédio tiveram visibilidade, como ocorreu com o ator *José Mayer*, acusado de abuso sexual<sup>9</sup> e expulso da emissora em que era considerado galã, resultado de mobilizações de atrizes que se manifestaram na mídia ou uma causa “abraçada” mercadologicamente para manter a audiência feminina e, especialmente, a jovem, que está em queda.<sup>10</sup>

Para dar conta dessas inquietações, foi realizada uma pesquisa exploratória com indivíduos entre 18 a 30 anos, em sua maioria universitários, na composição de um *corpus* que pudesse representar uma amostra jovem que se manifesta envolvida ou participante de questões sociais e de sustentabilidade. Esta investigação partiu do pressuposto de que esses jovens levam em consideração a postura do artista e evitam as respectivas obras (cinematográficas, teatrais, gráficas ou musicais) ao tomarem conhecimento de atitudes que contrariam os preceitos morais da sociedade em que vivem.

Como escreve Silva, ações grandiosas ou mesquinhas, antes são valores que dependem da experiência para serem vivenciadas e julgadas. “É esta aparente ambiguidade que faz com que qualquer decisão envolva risco, que é apenas a consequência de não sermos oniscientes” (SILVA, 2009, s/p). Nesse sentido, o tema abordado na pesquisa joga luz sobre um assunto

<sup>7</sup> “Pesquisa aponta que jovens estão mais interessados em política e se dizem engajados”. Disponível em: <<http://bit.ly/2vJf9eD>>. Acesso jun. 2018.

<sup>8</sup> Disponível em: <<http://bit.ly/caseyoscar>>; <<http://abcn.ws/2vEMSaQ>> e <<http://abcn.ws/2uQE0fp>>. Acesso jun. 2018.

<sup>9</sup> Disponível em: <<http://bit.ly/2vJUeIu>>. Acesso jun. 2018.

<sup>10</sup> Disponível em: <<http://bit.ly/2jwjtNw>>. Acesso jun. 2018.

---

ainda pouco discutido no dia a dia e que, do mesmo modo que ocorre na mídia, merece ser discutido na academia, apesar dos riscos que suscita.

## 2. Estética e ética

De acordo com Chauí (2000), a moral pessoal é resultante do julgamento das ações individuais, ao indicar o “correto” ou o “errado”, a partir da obediência a valores geralmente ditados por instituições, como a religião, por exemplo. Por sua vez, ética é “o estudo dos valores morais (as virtudes), da relação entre vontade e paixão, vontade e razão; finalidades e valores da ação moral; ideias de liberdade, responsabilidade, dever, obrigação etc.” (CHAUI, 2000, p. 67). Ou seja, os valores morais muitas vezes medeiam à ética, que influencia o modo de viver e dita posturas.

A moral e a ética se complementam, cada indivíduo possui seus próprios valores morais, e esses valores são influenciados pela cultura do meio em que está inserido. Esse indivíduo necessita pensar em valores morais, não só para tomar decisões, mas para realizar qualquer tipo de ação.

A arte muitas vezes é “consumida” apenas pela questão estética, sendo dificilmente avaliada além disso. Para Chauí (2011, p.411), a estética consistia de uma teoria sobre a arte como produto da sensibilidade, da imaginação e da inspiração do artista, e que o intuito era de apenas contemplá-la. O artista, para isso, precisava produzir algo belo e não necessariamente útil. O público teria apenas de julgar a beleza da obra.

Contudo, a arte é apreciada por cada indivíduo de forma diferente, de acordo com a vivência pessoal e modos de existência, mesmo que o intuito seja transportar o indivíduo a outra dimensão, com toda a sua singularidade absoluta, “a obra de arte aurática é aquela que torna distante o que está perto, porque transfigura a realidade, dando-lhe a qualidade da transcendência” (CHAUI, 2000, p. 409).

A transcendência desejada com a obra de arte busca um estado de anestesia da vida, de modo que se possa nela imergir e esquecer por um momento o cotidiano e seus problemas, mas

por que tantos críticos, tantos escritores, tantos filósofos põem tanto empenho em professar que a experiência da obra de arte é inefável, que escapa por definição ao conhecimento racional; por que se apressam assim em afirmar sem luta a derrota do saber, de onde lhes vem essa necessidade tão poderosa de rebaixar o conhecimento racional, esse furor de afirmar a irredutibilidade da obra de arte ou, numa palavra mais apropriada, sua transcendência [...] citando Kant: ‘nossa opinião é de que convém ao homem supor que há algo de incognoscível, mas ele não deve colocar limites à sua busca’ (BOURDIEU, 1996, p.12, 13).

Nessa busca, não de uma interpretação da obra, mas do sujeito artista, questiona-se a ética envolvida no momento de consumir um produto artístico criado/interpretado/moldado por um indivíduo cujas atitudes são consideradas abusivas (e até violentas) para a cultura brasileira. Mesmo que não transpareçam em suas obras, contemplar a beleza e valorizá-la pode ou não significar concordância com o comportamento e padrões éticos e morais desse artista.

Nietzsche defende a separação entre obra e artista, uma vez que este “é apenas a precondição para a obra, o útero, o chão, o esterco e o adubo no qual e do qual ela cresce – e assim, na maioria dos casos, algo que é preciso esquecer, querendo-se desfrutar a obra mesma” (NIETZSCHE, 1998, p. 41). Mas se uma obra é passível de crítica, o artista também pode ser. Se alguns indivíduos repensam o consumo de algumas marcas pelo uso de mão de obra escrava na produção, em outras palavras, se consideram a ética no processo produtivo relevante, faz sentido que levem em conta esses aspectos também ao consumir uma obra de arte.

### 3. Metodologia e análise

Foi realizada uma pesquisa exploratória, que visa maior conhecimento de assuntos ainda pouco divulgados e discutidos, na procura por padrões, hipóteses ou ideias e, portanto, com o objetivo de levantar o grau de importância dado pelos jovens à trajetória de artistas ao ter uma experiência com uma obra de arte. Para tanto foi aplicado o método quantitativo, pois “em pesquisas quantitativas, as hipóteses e as questões de pesquisa são frequentemente baseadas em teorias que o pesquisador procura testar” (CRESWELL, 2007, p.130).

O questionário *on-line* foi enviado aleatoriamente para grupos distintos de pessoas via *Facebook*, *WhatsApp* e *e-mail*, para compor uma amostra de jovens, de 18 a 30 anos, com o objetivo de obter uma “descrição quantitativa ou numérica de tendências, atitudes ou opiniões de uma população ao estudar uma amostra dela” (CRESWELL, 2007, p.161). Sabe-se que essa amostra não serve para generalizações, uma vez que não foram limitadas as praças, por exemplo, e outros mecanismos probabilísticos.

As respostas foram monitoradas no período de 06/08/2017 a 14/08/2017 levando em conta os desvios possíveis pelo fato de o questionário ter sido realizado apenas *on-line*, não atingindo pessoas de classes sociais diferentes que não possuem acesso aos meios digitais. Para as análises foram considerados 352 respondentes (excluídas as respostas de pessoas fora da faixa etária prevista), número considerado válido.

O questionário trouxe três perguntas abertas: “crie um pseudônimo”, gênero e cidade. Sendo que a primeira não foi tabulada, apenas mostrava o caráter anônimo da pesquisa. A faixa etária, critério de validação, foi a primeira a ser monitorada e obteve 320 respondentes jovens entre 18 e 26 anos, seguida por 32 pessoas de 27 a 30 anos. Em relação ao gênero, a maioria se define do gênero feminino (60,5%), quase o dobro se comparado ao gênero masculino (35,7%). Houve ainda quem se define não binário (1,9%) e apenas um jovem de gênero indefinido.

Pessoas de estados e cidades muito distintas responderam ao questionário, inclusive residentes em outros países. Moradores da capital paulista, são a maioria, 100 (28,4%), provavelmente por ser onde a pesquisadora e a orientadora residem, já 34 (ou 9,65%) residem em São José do Rio Preto, cidade de nascimento da pesquisadora.<sup>11</sup>

Por se tratar de uma amostra com recorte de faixa etária, somado ao fato de a pesquisadora e a orientadora conviverem no meio universitário, a maioria dos respondentes, 218, possui graduação incompleta ou em andamento, seguida de graduação completa (55) e ensino médio completo (36), pós-graduação completa, incompleta ou cursando (23), resultado permite afirmar que 84% dos respondentes são universitários.

Das três perguntas sobre experiência com obras de arte, a primeira discrimina as atividades preferidas (gráfico 1) e mapeou alguns hábitos, sendo que a alternativa mais assinalada “assistir a filmes”, obteve 350 respostas, quase 100% da amostra, talvez devido à opção – em casa ou no cinema. Assistir a filmes em casa pode incluir não apenas a tevê, mas também opções como o *tablet* e o *smartphone*, experiências diferentes e que remetem a uma fruição distinta. Há ainda uma diversidade de gêneros de filmes, tipo de produção e interesse da obra que não foram monitoradas pelo caráter exploratório da pesquisa.

---

<sup>11</sup> Demais cidades: Rio de Janeiro (12), Curitiba (11), Campinas (7), São Bernardo do Campo (5), Brasília, Ribeirão Preto e Santo André (todas com 4). Percebe-se que são polos econômicos/ financeiros e permite inferir que 41,7% dos respondentes (total dessas cidades, mais a capital paulista) estão em centros urbanos de relevância no país.

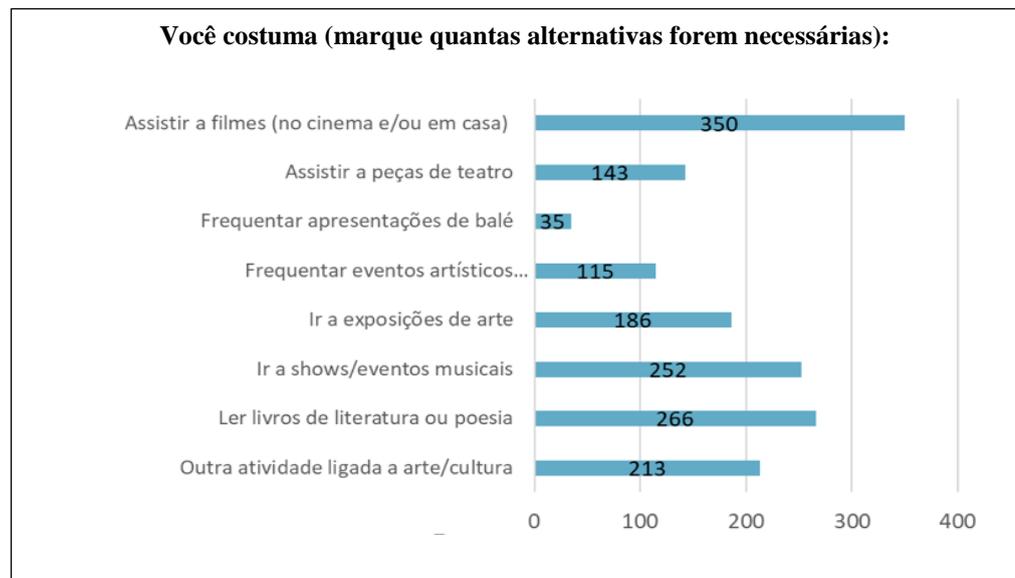
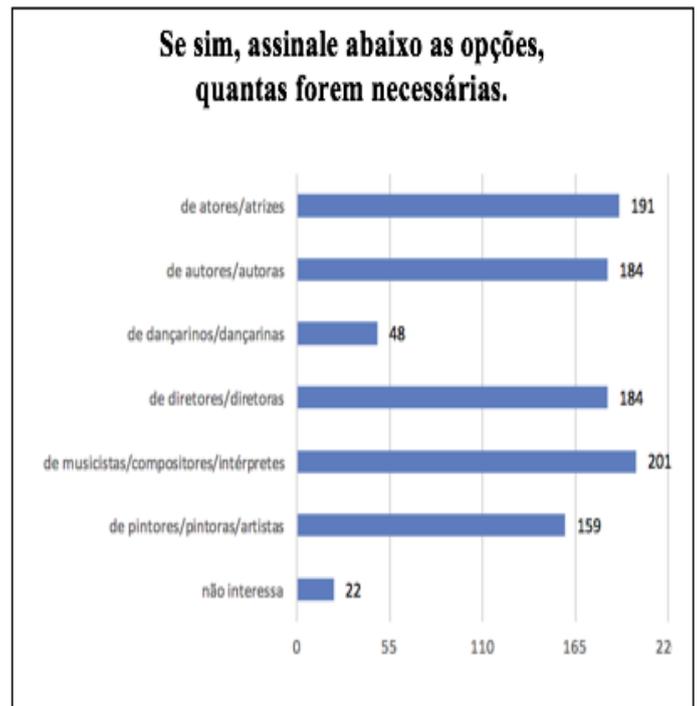


Gráfico 1 – elaborado pela pesquisadora

A pergunta que pode ser considerada mais importante, que é específica sobre a relevância da vida pessoal dos/das artistas no momento de fruir uma obra de arte, vem complementada por uma observação que afirma essa especificidade. A maioria respondeu que leva em conta a vida do artista, sendo “sim”, 252 ou 71,6%, menos de um terço dos jovens, 100 ou 28,1%, responderam negativamente (gráfico 2). Considera-se um número importante de respostas positivas e que pode evidenciar um olhar mais crítico desses jovens, não apenas para a obra.

Como uma maneira de aproximar ainda mais do objeto da pesquisa, a questão seguinte abordou a relevância da vida de artistas por atividade, sendo que a média de respostas reafirma a importância dada pelos 252 jovens que responderam sim à questão anterior (gráfico 3).

Apesar de “assistir a filmes” será mais citada, seguida de “ler livros de literatura e poesia”, o maior número de respostas sobre o interesse na vida de artistas recaiu primeiramente na música, o que permite inferir que a alternativa “outra atividade ligada à arte/cultura” (que teve um grande número de respostas) pode incluir atividades musicais variadas, como ouvir música sozinho e não necessariamente em shows e eventos. Uma possibilidade para esse resultado envolvendo musicistas/compositores/intérpretes talvez seja resultante desse tipo de artista, que não parece estar representando um papel, mais próximos de uma vida vivida.

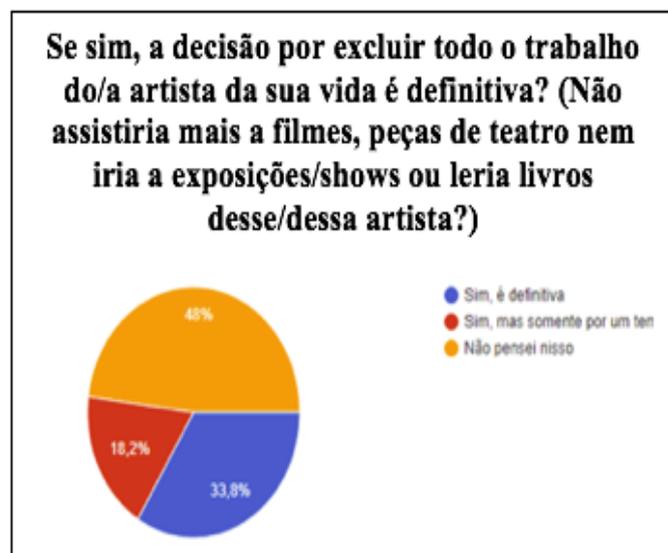
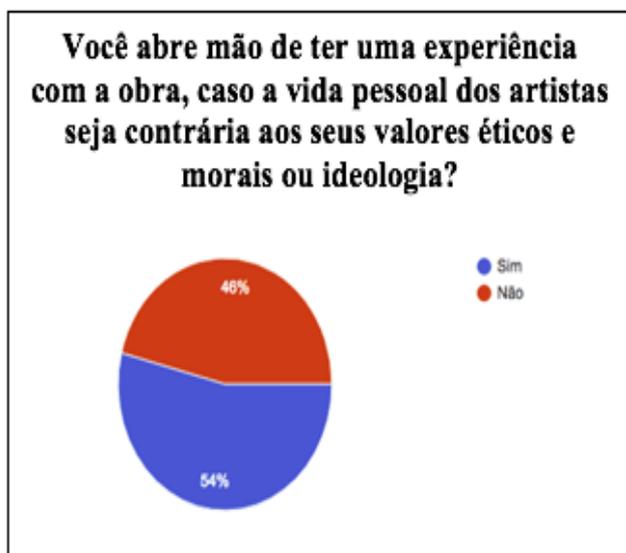


Gráficos 2 e 3 – elaborados pela pesquisadora

Abrir mão da experiência com as obras de arte, por causa de comportamentos considerados contrários a valores éticos obteve 190 respostas positivas e 162 negativas (gráfico 4).<sup>12</sup> A proximidade desses resultados revela uma dialética entre a crítica e a prática, que aproxima de Silva (2009) e os critérios da justa escolha, em cujo discernimento consiste a ética. Para as respostas positivas, questionou-se excluir toda a obra do artista e a maior parte, 108 jovens, não havia pensado a respeito, resultado que surpreendeu a pesquisadora e evidencia a precariedade das discussões sobre o tema.

Apenas 76 jovens (21,5% da amostra) abririam mão das obras definitivamente e 41 (11,6% do total pesquisado) apenas por um tempo (gráfico 5), respostas que instigaram questões não abordadas, como se consideram possível uma mudança de comportamento desses artistas ou acreditam ser um fato isolado que não merece ser levado em conta.

<sup>12</sup>Especificou-se, como exemplo, homofobia, racismo, misoginia, violência contra a mulher, atitudes machistas, nazistas e fascistas entre outras)



Gráficos 4 e 5 – elaborados pela pesquisadora

A pergunta seguinte busca reafirmar a negativa dos que não “se importam com a vida pessoal de artistas”, o desinteresse manifestado anteriormente não significa alienação desses jovens, já que 69 deles responderam que o conhecimento da vida do artista pode, sim, interferir na fruição da obra, 30,7%, e outros 42,3% repensariam o assunto (gráfico 6). Números consequentes da pouca visibilidade do tema, que acaba estimulando poucas reflexões e minimizando a sua importância.

A última pergunta sintetiza uma das inquietações que fizeram essa pesquisa existir, ainda que, ao ser elaborada, a pesquisadora não imaginasse a relevância do resultado da questão anterior. Nela foi abordada a importância de discutir assuntos desse tipo, com predominância de respostas positivas, 326 jovens, contra 24 negativas (gráfico 7), número similar ao encontrado nos que não se interessam pela vida pessoal de artistas (22) da questão 8.

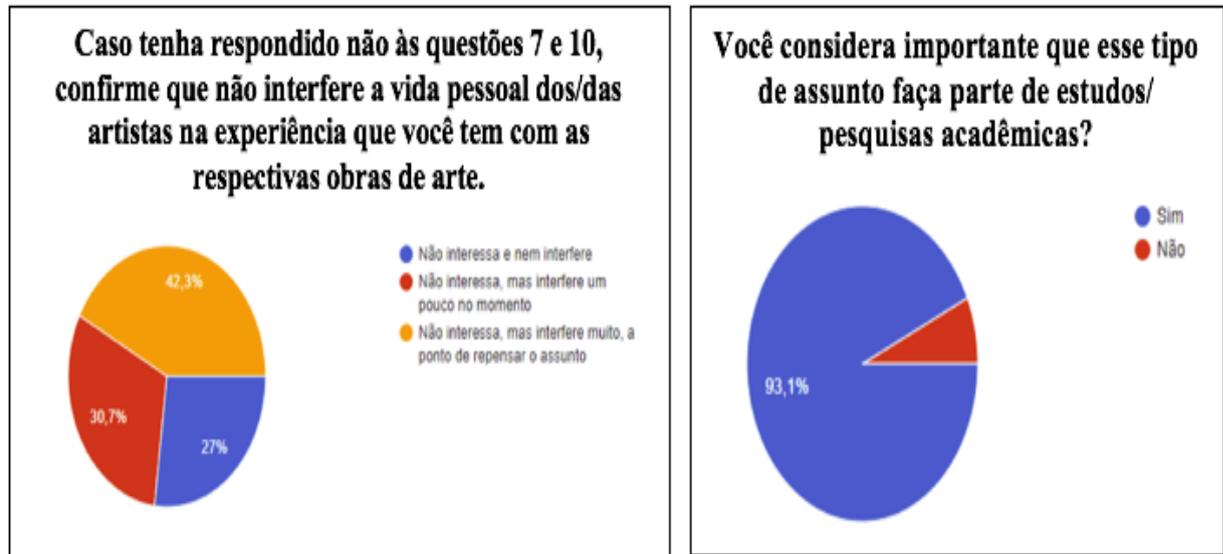


Gráfico 6 e 7 – elaborados pela pesquisadora

O que se observa, finalmente, é que não se trata de indiferença, mas de ignorância no sentido lato, que reforça ainda mais a necessidade de discussão sobre um assunto muito sensível aos artistas e ao seu público.

#### 4. Considerações finais

Quando esta pesquisa foi iniciada, a abordagem sobre o tema era incerta, apesar da inquietação da pesquisadora sobre as escolhas dos jovens em seus engajamentos, mesmo que muitos pudessem ficar restritos às redes sociais. Inquietava discutir um engajamento que incluísse hábitos culturais, considerados apenas lazer por parte de muitos jovens.

Como há movimentos a favor de ética na política, também se espera o mesmo na arte. A visibilidade de questões éticas na produção de bens, deve ser equivalente quando se trata da obra de arte. Enfim, ter uma experiência estética sem tangenciar a ética do artista não precisa resvalar na censura, o que se coloca são os critérios da escolha do artista frente aos critérios de escolha de quem frui/vivencia a obra de arte.

Por isso, a breve revisão teórica iluminou alguns caminhos e acendeu novas incertezas, com Nietzsche (1998), que defende a separação entre obra e artista; Bourdieu (1996), que questiona a irracionalidade em prol da transcendência e Silva (2009), para quem o exercício da liberdade é inseparável da situação concreta.

Os motivos pelos quais a maioria se interessa pela vida de artistas (71,5%) e acha relevante os valores éticos desses artistas, a ponto de deixar de fruir as obras (54%), se

contrapõem aos que não interessam pela vida de artistas (28,4%), mas que repensariam o assunto (42,3%), porque interfere muito na experiência que têm com as obras de arte.

Considera-se, portanto, que as discussões sobre ética e experiência estética são relevantes para os jovens, uma vez que a maioria declarou a possibilidade de abrir mão de experiências com as obras de determinados artistas. Mesmo os que discordaram, se sentem muito incomodados a ponto de repensar o assunto.

Porém, por mais que tenha sido evidenciado esse aspecto, não se sabe até que ponto esse jovem teria interesse em buscar mais informações sobre a vida de artistas antes de fruir uma obra; se esse é um movimento que merece a atenção de toda a sociedade, não de censura, como foi escrito, mas de lançar um olhar sobre as representações de poder e de dominação.

Esta pesquisa, por ser exploratória, foi bem-sucedida em seus objetivos, mesmo que tenha trazido ainda mais inquietações quanto à dialética entre a crítica e a prática. Bem como a falta de discussões a respeito de um tema tão delicado e importante para o campo da comunicação.

#### **REFERÊNCIAS**

- ARISTÓTELES. **Arte retórica e a arte poética**. São Paulo: Ediouro, 2000.
- BOURDIEU, P. **As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário**. São Paulo: Cia das Letras, 1996.
- CHAUI, M. **Convite à filosofia**. São Paulo: Editora Ática, 2000.
- CRESWELL, J. **Projeto de pesquisa**. São Paulo: Artmed, 2007.
- NIETZSCHE, F. **Genealogia da moral**. São Paulo: Cia das Letras, 1998.
- SILVA, F. L. Breve panorama histórico da ética. In **Revista Bioética**, Brasília, v. 1, n. 1, 1993. Disponível em: <<https://bit.ly/2Kg6JWp>>. Acesso jun. 2018.